



A cidade de João Pessoa sob a ótica dos medos corriqueiros: configurações urbanas, sociais e emocionais

The city of João Pessoa under the prism of the common fears: urban, social and emotional configurations

Williane Juvêncio Pontes¹

Resumo: O artigo discute a cidade de João Pessoa a partir do projeto de pesquisa *Medos Corriqueiros*, de modo a acessar o mosaico científico construído sob a ótica do medo e dos medos corriqueiros. A composição deste mosaico comporta uma leitura contextual analítica da cidade, que indica as suas configurações urbanas, sociais e emocionais e possibilita desvendar os seus mapas simbólicos e a sua cultura emotiva.

Palavras-chave: João Pessoa, medos corriqueiros, mosaico científico.

Abstract: The article discusses the city of João Pessoa from 'Medos Corriqueiros' research project, in order to access the scientific mosaic constructed from the perspective of fear and common fears. The composition of this mosaic includes an analytical contextual reading of the city, which indicates its urban, social and emotional configurations and allows to unveil its symbolic maps and its emotive culture.

Keywords: João Pessoa, common fears, scientific mosaic.

Introdução

Este artigo busca analisar a cidade de João Pessoa - Paraíba, na perspectiva dos medos e dos medos corriqueiros, a partir da produção acadêmica do projeto de pesquisa *Medos Corriqueiros - MC*². Objetiva identificar e discutir os mapas simbólicos construídos sobre a cidade e compreender como a sua cultura emotiva é percebida e apresentada por este projeto. Cultura emotiva esta elaborada a partir das vivências emocionais dos sujeitos em uma determinada situação social em que estão inseridos, de modo a expressar um conjunto de conceitos linguísticos, comportamentais e simbólicos que conduz à ação social (BARBOSA, 2015, 2015a).

¹Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPB, Graduada no Curso de Ciências Sociais pela mesma universidade e membro discente do GREM - Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções. E-mail: williane_pontes@hotmail.com

²O projeto *Medos Corriqueiros*: a construção social da semelhança e da dessemelhança entre os habitantes urbanos das cidades brasileiras na contemporaneidade está em desenvolvimento no GREM desde o ano de 1999, desenvolvendo estudos e discussões sobre a emoção medo no urbano contemporâneo. Este projeto possui um grande material bibliográfico sobre a cidade de João Pessoa: o conjunto de sua produção, até o ano de 2016, é de 128 trabalhos, distribuídos entre artigos em periódicos (60) e em anais de congressos (34), livros (11), capítulos de livros (7), monografias (11) e dissertações (5).



O projeto *MC* aborda os medos corriqueiros como foco analítico central, entendido enquanto fenômeno que organiza as formas de sociabilidade urbana, encontrando-se presente em toda relação social e se mostrando como uma força motivadora desse social, de modo a afirmar e/ou refazer novas possibilidades de relações sociais (KOURY, 2002). Este projeto parte da hipótese central de que o medo é uma construção social significativa e aborda a discussão sobre a relação Medo e Sociedade a partir do cotidiano dos moradores das cidades brasileiras na contemporaneidade, em especial a cidade de João Pessoa, tomada por universo sistemático de análise.

A produção acadêmica do projeto *MC* se apresenta como um conjunto de etnografia cooperativa³ (HANNERZ, 2015) para a compreensão e leitura contextual da cidade de João Pessoa. Esta produção disponibiliza um mosaico científico⁴ (BECKER, 1993) sobre a cidade e seu desenvolvimento urbano contemporâneo.

A cidade é percebida para além de seu ambiente físico, de modo a compreender espaços e lugares sociais de interações individuais e grupais que tecem formas de sociabilidades, memórias e histórias. A cidade é vista como o ambiente - bairros, ruas e parques, - onde se processam, permeadas pelas emoções, as trocas materiais e simbólicas do jogo interacional, mostrando-se como uma rede de solidariedade e conflito, com configurações sempre tensas de estranhamento, pertença, semelhança e dessemelhança, ordem e desordem, entre outros (BARBOSA, 2014).

O projeto *MC*, desta forma, apreende a cidade

como espaço de disputas morais, de uma cultura emotiva sempre em construção, a partir da problematização dos fenômenos da solidariedade e conflito entre iguais em situação de personalidade, estigma, pobreza e violência física e simbólica no urbano contemporâneo brasileiro (BARBOSA, 2015b, p.18).

³Ulf Hannerz entende por etnografia cooperativa o processo no qual a produção acadêmica e os diversos pesquisadores se vinculam e se modulam em uma rede compreensiva sobre a cidade, através de uma perspectiva comum. Os trabalhos etnográficos enquanto cooperativos estão em constante colaboração, levando a uma compreensão ampla sobre um determinado lugar, temática, teoria ou metodologia. Como é o caso do projeto *MC*, que desenvolve etnografias cooperativas para a compreensão da cidade de João Pessoa.

⁴ conceito de mosaico científico proposto por Howard Becker parte da noção da imagem de um mosaico, onde cada trabalho desenvolvido contribui para a compreensão do quadro analisado como um todo. Becker enfatiza a questão do acúmulo de conhecimento sobre um determinado lugar, de modo a indicar as suas singularidade e conexões no processo formativo do mosaico científico, que implica em uma condensação de experiência solidária e produtiva do fazer social.



A cidade de João Pessoa é analisada a partir das relações cotidianas do homem comum, que se conectam ou se excluem de acordo com a constituição do imaginário social do medo em cada lugar e na cidade como um todo. O medo se apresenta, enquanto medos corriqueiros, como elemento significativo na configuração das formas de sociabilidade na capital paraibana.

Este artigo, portanto, realiza uma análise compreensiva e história da cidade de João Pessoa com base no projeto de pesquisa *Medos Corriqueiros*, de modo a desvendar o mosaico científico que este projeto construiu sobre a cidade, sob a ótica dos medos corriqueiros. Discute as configurações urbanas, sociais e emocionais da cidade com o objetivo de descortinar seus mapas simbólicos e cultura emotiva tecidos pelo projeto *MC* nos seus 17 anos de desenvolvimento, do ano de 1999 a 2016, constituindo o recorte analítico deste artigo.

1. A cidade na história

A cidade de João Pessoa surgiu durante o antigo Sistema Colonial e foi fundada em 1585. É uma das mais antigas cidades do país e possui uma peculiaridade à parte, pois detêm uma variedade de nomes, até sua atual denominação⁵. Esta cidade tinha o objetivo de defender a costa e o controle político e social desta região (KOURY, 2005b). Encontrava-se dividida em duas áreas, a cidade baixa e a cidade alta.

Na fronteira com o rio Sanhauá situava-se o Porto do Capim e a cidade baixa, onde funcionavam as atividades comerciais. Na cidade alta, por outro lado, localizada na colina, se processavam as atividades administrativas e religiosas, e a maior parte das habitações residenciais. Residências estas pertencentes às classes abastadas da cidade. Neste período, a cidade se configurava a partir dos três grandes bairros da época: Trincheiras e Tambiá, localizados na parte alta da cidade, e o bairro do Varadouro, que comportava a parte baixa.

Esta cidade com forte característica colonial sofre um lento processo de evolução urbana e desenvolvimento econômico, devido à cultura algodoeira, que foi, gradualmente,

⁵O primeiro nome da capital paraibana foi Nossa Senhora das Neves, em 1585, mas meses depois passou a ser chamada de Filipéia de Nossa Senhora das Neves. Em 1634 recebeu o nome de Frederica, e, novamente, mudou de nome em 1654, chamando-se Parahyba. Em 1930 ganhou sua nomeação atual, em homenagem ao presidente do Estado, João Pessoa.



modificando a sensação de calma e monotonia por uma crescente movimentação e o aumento do ritmo das transformações urbanas. Essas mudanças só se apresentam de forma mais expressiva a partir da década de 1920, e, principalmente, na década de 1970. Neste período se inicia o processo de maquiamento urbano, higienização, reconfiguração estética e arquitetônica da cidade, com destaque aos interesses econômicos envolvidos no crescimento vertiginoso da capital, que deu rumo à expansão e modernização dos seus espaços urbanos (BARRETO, 1996; VILAR, 2001).

A cidade vai se projetando sobre a imagem de uma cidade ordenada, desenvolvida e higienizada, com representações ideais de progresso que demonstram as transformações de uma urbe calma e monótona, com características coloniais, para uma cidade moderna e com crescimento econômico, encobrindo aspectos que pudessem evidenciar atraso, pobreza, sujeira ou escândalos (BARRETO, 1996). Iniciavam-se esforços de disciplinamento dos indivíduos através das transformações urbanas, onde a ideia de progresso delimita novos parâmetros que indicam o que deve ser valorizado e registrado. A pobreza e a sujeira são questões encobertas e disciplinadas através de políticas de controle social, de disciplinamento moral, de higienização, de policiamento e de disciplinamento estético e econômico (KOURY, 1986), pois não pertencem à estética almejada pela elite local.

Neste sentido,

as ruas passam a ser, também, controladas pelo poder público, não só na limpeza, embelezamento e ordenamento espacial e abertura e ampliação de novas ruas, avenidas e bulevares e calçamento das já existentes, mas também no controle do homem comum pobre, disciplinando o acesso ao uso dos espaços e costumes até então vigentes dentro de uma legislação severa, no que diz respeito à questão do trabalho e vida na urbe (KOURY, 2005b, p. 175).

Neste ideal de progresso e discurso modernizador da cidade de João Pessoa, os esforços foram desempenhados, principalmente, na busca de proteger a cidade dos pobres, e, com isso, executar melhorias no espaço urbano. Esta melhoria do espaço urbano foi elaborada dentro de códigos disciplinares e de ordenamento dos sujeitos. É nessa perspectiva que surgem os asilos, os orfanatos e as prisões, como forma de conter ou camuflar aqueles que enfeiam e sujaram a cidade. A transformação e modernização urbana do espaço e do modo e estilo de vida da cidade também foi executada a partir



do “signo do medo do outro e da busca de controle social e societal” (KOURY, 2005b, p. 176).

A ideia de progresso afirmava ainda mais a separação entre as classes abastadas e as classes baixas e reproduzia essa afirmativa espacialmente. A memória da cidade da Parahyba, por exemplo, construída através das fotografias, na análise de Barreto (1996), representa o espaço da burguesia e das reformas urbanas. De acordo com esta autora, o ato fotográfico local voltou às costas à população mais pobre. Entre 1889 a 1920, procurou valorizar os conjuntos arquitetônicos e empreendimentos industriais, comerciais e de serviços considerados símbolos modernos de progresso da cidade, assim como de servir como um espelho da administração pública local.

2. Delimitações e separações

No seu processo de desenvolvimento e expansão a cidade de João Pessoa, a partir do mosaico montado pelo projeto *MC*, foi submetida a constantes delimitações e separações, através de uma reestruturação espacial e societária. Enquanto alguns espaços urbanos experimentavam uma série de privilégios e atenções, outros espaços eram relegados e marginalizados, dividindo a cidade em duas áreas completamente distintas e contrastantes: uma elitizada e outra periférica (SOUSA, 2004).

Na década de 1970 essas delimitações ganham um tom mais eloquente, pois o processo de crescimento da cidade culminou no surgimento de novos bairros que diluíram a importância do centro, refletindo no apogeu da orla marítima. Com o descobrimento da orla enquanto ambiente residencial, de turismo, lazer, consumo e outros, a cidade sofre uma nova reestruturação espacial e, principalmente, social, fazendo emergir uma nova sensibilidade nos habitantes de João Pessoa, revelando-se cada vez mais impessoal e dessemelhante ao outro relacional.

A cidade começa a incorporar uma natureza mais dinâmica e frenética, e muda, também, o conteúdo e a vivência do lazer, perdendo seus bares tradicionais que movimentavam a boemia de João Pessoa (SOUZA, 2005). Deste modo, a modernização da cidade conduziu outro caráter de lazer em que a boemia tradicional não se encaixava, devido a um conjunto de etiquetas que configura o lazer atual, sendo mais individuali-



zado, impessoal e exaltando o consumo, emergindo novas formas de comportamento e sociabilidade adaptadas aos novos tempos de urbanização da cidade.

O advento crescente do turismo em João Pessoa marca as mudanças que a cidade sofreu e vem sofrendo com as remodelações e padronizações do lazer e do espaço. Preocupa-se com a infraestrutura nas áreas centrais para a movimentação desse mercado de turismo, para as melhorias na orla marítima, bem como na restauração do Centro Histórico da cidade.

Os projetos de reformas do Varadouro, no sentido de remodelações urbanas, têm o intuito de expropriar os espaços ocupados pelos pobres, residentes no local, - caso, por exemplo, da Comunidade do Porto do Capim, analisada por Márcio Vilar (2001), vistos como uma “mancha” no desenvolvimento da cidade. Esta modernização traz consigo a ideia de controle social e mascaramento da pobreza. Dentro do discurso do ideal de progresso, segundo a ótica do Plano Diretor de Desenvolvimento da Cidade de João Pessoa, de acordo com Vilar (2001), o lugar, tratado como espaço urbanístico, deveria ser recuperado para o paisagismo da cidade, para a ocupação pelo comércio de entretenimento, para o turismo e para compor uma noção de lugar seguro, limpo, habitável e circulável.

A cidade de João Pessoa, durante sua transformação urbana, se dividiu em duas áreas: os espaços nobres e os espaços populares, ou periféricos (SOUSA, 2004). A ideia de progresso favoreceu aos primeiros em detrimento dos segundos, que possuem uma distribuição pequena de recursos e se desenvolvem em condições de precariedade. Esta interpretação de Souza (2004) indica a forma desigual de crescimento pela a qual a cidade vem passando. Este contexto nutre o imaginário social de estigmatização dos bairros periféricos, e dos seus moradores, com a criação e difusão de estereótipos que imputam aos moradores uma negação da condição vivida (SOUSA, 2004; KOURY & BARBOSA, 2012).

A cidade se mostra como um ambiente heterogêneo, composto por uma diversidade de indivíduos com vários padrões de vida e níveis sociais que constroem e reconstroem condutas que hora aproximam hora afastam os moradores da cidade, em um processo contínuo de semelhança e dessemelhança entre os relacionais, originando



várias formas de sociabilidade (SOUZA, 2004). Conduas estas que vão se reconfigurando aos poucos sob o anonimato, a insegurança e o individualismo, que caracterizam algumas áreas urbanas, onde existem diferenças socioculturais conflitantes no contato cotidiano, mesmo que este contato não seja intencionado. A cidade, no entanto, também vive relações de semelhança, de amizade e de personalidade em outras áreas.

Aos poucos, João Pessoa vai sendo incorporada à lógica de uma cultura do medo, decorrente do aumento gradativo e da banalização da violência urbana, na mídia, que assusta a vida cotidiana dos indivíduos. O medo e os medos corriqueiros se colocam, estrategicamente, como elementos configuradores do cotidiano e do desenvolvimento urbano de sua contemporaneidade.

A mídia, através das reportagens que veicula cotidianamente, tem contribuído preponderantemente para a formação social do imaginário sobre o medo entre os moradores da cidade de João Pessoa (SILVA, 2003). A figura do outro se coloca como fonte manifesta de perigo constante, de insegurança e medo. Esse outro construído e caracterizado pela imprensa é apreendido na figura do homem comum pobre (KOURY, 1986), e como causa da desordem urbana.

O processo de modernização atinge diretamente o cotidiano do indivíduo, traz mudanças espaciais, sociais, emocionais e culturais, e constrói novas vivências e práticas sociais fundadas em novas formas de sociabilidade, via imaginário social do medo. A urbanidade trouxe inúmeras alterações às relações sociais, onde as remodelações espaciais condicionam, de forma recíproca, as remodelações sociais. Ambas se configurando em constante sintonia.

3. Configuração de uma nova sensibilidade no urbano pessoense

A cidade de João Pessoa, neste processo de transformações urbanas, sociais e emocionais, principalmente a partir da década de 1970, conforma uma nova forma de sociabilidade, que emerge no interior de uma esfera racional, comedida e anônima, de encarceramento do indivíduo moderno à vivência de sua subjetividade na esfera privada, com uma objetificação das relações na esfera pública. Esta forma de sociabilidade passa a coexistir e contrastar com as relações sociais baseadas nos laços tradicionais de afeti-



vidade, de vizinhança, de amizade, de semelhança e de personalidade.

Configura-se a emergência de uma nova sensibilidade no urbano contemporâneo brasileiro, onde se mesclam elementos tradicionais e modernos nas formas de sociabilidade que se desenvolvem no urbano. Esta nova sensibilidade é composta pela lógica de uma sociedade em transição, que passa de códigos mais afetivos e tradicionais para códigos mais impessoais, racionais e individualizados de sociabilidade urbana (KOURY, 2003; SILVA, 2003; BARBOSA, 2015b).

A nova sensibilidade é marcada pela constituição do indivíduo como personalidade blasé. Este tipo emerge em uma sociabilidade caracterizada pela pulverização dos papéis sociais e pelo anonimato e estrangeirice da cidade como estilo de vida, onde público e privado se tensionam no sentido da negação da subjetividade como parte do social. [...] A dimensão emocional da existência é tratada socialmente a partir das regras de etiqueta, do princípio do desempenho que privatiza as emoções ou as classifica em oposição à razão e à racionalidade (BARBOSA, 2015b, p. 4).

A sociedade brasileira vem passando por uma reestruturação social decorrente das transformações inerentes à modernidade, como a interiorização dos sentimentos, a crescente racionalização, a mercantilização das relações sociais, a expansão da violência urbana, etc. (SOUZA, 2003, p. 17). A cidade de João Pessoa aparece circunscrita dentro desta ótica descrita, porém, apresentando formas peculiares de sociabilidades, onde o tradicional e o moderno se mesclam ou se excluem, a depender do lugar analisado.

Os habitantes da cidade convivem com sentimento de amor e ódio, de prazer e orgulho, de descontentamento e tensões e de medos e anseios em relação à cidade da morada e o seu cotidiano, de modo a construir uma identidade urbana nutrida pelo processo de reflexão racional e sentimental sobre a cidade. O reconhecimento construído em relação à cidade é derivado de um sentimento tenso de estranhamento e de pertença, que reflete e estimula a memória e a evocação de raízes simbólicas (HONORATO, 1999). A ideia de pertencer a um lugar é elaborada a partir da rede de relações que proporciona sentido à vida do homem comum urbano no seu cotidiano.

Essas transformações urbanas, motivadas pelo discurso modernizador, são apreendidas sob uma ótica ambivalente, onde é nutrido um sentimento de ameaça em relação ao novo, visto diante do risco sentido de perda do próprio lugar e da identidade local, de



modo a assumir a resistência como uma ação à sobrevivência das características locais, frente às mudanças. Este novo, no entanto, também é um elemento desejado, sob o elemento eminente do conflito entre a aspiração pelo progresso, o desconhecido, e o anseio pela preservação das peculiaridades locais, o tradicional (*idem*, 1999).

Neste sentido, a mudança, por meio do processo de modernização urbana, por vezes, é encarada como uma possível descaracterização dos valores, dos modos e dos estilos de vida que são regidos no presente. O progresso é desejado enquanto um elemento a ser alcançado, no futuro, mas mediante a adequação do desenvolvimento urbano global à realidade da cidade (*ibidem*, 1999).

A modernidade, com suas contundentes transformações estruturais, sociais, emocionais e culturais, tem remodelado as sociabilidades e os diversos aspectos da constituição da pessoa e da individualidade (KOURY, 2008), baseada no crescente individualismo e estranhamento. Essa nova configuração emotiva permeia tanto os bairros populares quanto os bairros de classe média e média alta da cidade.

4. A dinâmica dos bairros, ruas e parques da cidade

O ideal de progresso urbano reproduzia social e espacialmente a separação entre as classes abastadas e as classes baixas da cidade. Neste ideário de progresso se nega o feio, a pobreza e a sujeira e se supervaloriza os espaços arquitetônicos modernos que transmitem uma imagem do futuro, da mudança e da evolução desejados, com predominância à disciplina e à ordem (BARRETO, 1996).

Na cidade de João Pessoa o discurso do progresso atinge diretamente as classes menos abastadas da cidade, fomentando os esforços de disciplinamento dos indivíduos através das transformações urbanas. A ideia de progresso delimita novos parâmetros que indicam o que deve ser valorizado social e espacialmente, que gera uma relação tensional na cidade como um todo.

No processo de desenvolvimento e expansão da cidade houve constantes delimitações e separações, mediante uma reestruturação espacial e societária⁶. Enquanto

⁶A cidade de João Pessoa, como um todo, foi analisada por Koury (2008), mas também recortada e analisada por várias outras incursões. A área nobre, por exemplo, com habitações de classes médias e média alta, considerados espaços elitizados, foi contemplada nas análises desenvolvidas no interior do



alguns espaços urbanos experimentavam uma série de privilégios e atenções, outros espaços eram relegados e marginalizados, dividindo a cidade em duas áreas distintas e por vezes contrastantes: uma área nobre e outra área popular (SOUSA, 2004).

Os bairros nobres são frequentados e habitados por uma população que se autoconsidera elitizada e possuem uma dinâmica social própria, de estranhamento do processo de expansão da cidade, ao mesmo tempo aplaudida, em suas nuances de progresso e melhoria de infraestrutura, e acusada, enquanto palco de violência crescente e perda da vida pacata até então (década de 1970) vivida, e hoje considerada perdida. O que revela um medo crescente do outro, tido como perigoso. Este outro é cristalizado na figura do homem pobre, residente das zonas periféricas, de modo a indicar a indissociabilidade da pobreza e da violência no imaginário social.

No caso de Tambaú, onde há a vivência de uma diversidade de atores de realidades diferentes, por ser um espaço destinado à moradia, ao lazer e ao comércio, o outro - o não residente no bairro - aparece sempre circunscrito no imaginário do medo, como ameaça e como o “estrangeiro” que adentra ao bairro para promover a desordem (SOUSA, 2004; KOURY, 2008). Tambaú é um bairro heterogêneo, habitado por indivíduos de diversas realidades sociais, compreendendo, também, largos trechos populares. O bairro, na análise de Anne Gabriele Sousa (2004), deste modo, pode ser pensado como fracionado em três áreas, que comportam diferentes origens socioeconômicas: a área popular, a área central e área da orla marítima.

A área popular do bairro foge da imagem criada sobre Tambaú, espaço de grande valorização imobiliária e de habitação elitizada. Este é um lugar de grande personalidade, vigilância mútua e compartilhamento de vida comunitária comum (com casas simples e sem muros ou mecanismos de segurança). É uma área de pobreza urbana, bastante estigmatizada e vista pelos moradores das áreas nobres como perigosa e de onde se

projeto guarda-chuva *MC*, através do bairro de Tambaú (SOUSA, 2004) e bairro dos Estados (SILVA, 2004). A área popular, por outro lado, com habitações de classe média, média baixa e baixa, foi trabalhada em várias monografias, que se dedicaram às análises dos bairros de Varadouro, - Comunidade de Porto do Capim (VILAR, 2001), e Varadouro e Ilha do Bispo (KOURY, 2005c), de Cruz das Armas (SOUZA, 2003), de Tambiá (SILVA, 2003), o bairro do Roger (CAMPOS, 2008) e o bairro Varjão/Rangel (BARBOSA, 2015, 2015a). Além dos estudos monográficos sobre ruas em bairros populares, como a Rua Francisco E. de Almeida, no bairro de Mangabeira (CAVALCANTE FILHO, 2005), e a Rua Vilma Brito Ribeiro, no bairro de Valentina de Figueiredo (ALMEIDA, 2005).



origina grande parte da violência que se estabelece no bairro. Imagem esta que dá origem a diversas reivindicações no sentido de um maior controle policial para promover a segurança do bairro. E um local visto pela polícia como 'tomado' por gangues e pelo tráfico de droga.

A área central do bairro, por sua vez, concentra a maior extensão, sendo compostas por prédios, casas grandes e seguras, ambos com mecanismos de proteção, e com grande movimentação nas ruas, que é utilizada como espaço de passagem. Nesta área predomina a preservação da esfera privada, contendo maior individualismo e características dos grandes centros urbanos.

A orla marítima compõe a última área de Tambaú, composta por estabelecimentos comerciais e com constante movimentação diurna e noturna devido à sua centralidade em relação à cidade, além de servir como um espaço para passeios e lazer por toda a cidade. Esta área se destaca como o espaço de lazer do bairro e da cidade, de modo que é frequentado por diferentes sujeitos dos mais variados lugares da cidade de João Pessoa.

A orla, principalmente nos finais de semana, é geralmente evitada pelos moradores da área central do bairro, pois alegam a frequência de muitos indivíduos estranhos à realidade socioeconômica daquele lugar. Estes sujeitos estranhos, na visão dos habitantes locais, causam receio aos moradores, por serem potencialmente perigosos e sujos, e tidos como *farofeiros e bregas* (SOUSA 2004). Esta área contém o espaço mais diversificado do bairro, onde acontece o encontro de diversos modos e estilos de vidas, pertencentes ou não à Tambaú.

O bairro dos Estados, de maneira semelhante, não possui uma vivência hegemônica, compreendendo distintas relações sociais, de acordo com o lugar em que os indivíduos se encontram inseridos. Fundado no ano de 1952, o bairro passou por várias transformações espaciais até sua atual configuração, situando o medo como uma das características desse processo de desenvolvimento. O fato de manter fronteiras com bairros populares⁷ reforça essa imagem do medo do outro, desconhecido (SILVA, 2004).

Os moradores das áreas fronteiriças com bairros populares mantêm laços afetivos

⁷Como os bairros de Mandacaru, de Padre Zé, de Treze de Maio e dos Ipês (SILVA, 2004).



de solidariedade, com uma maior pessoalidade e semelhança nas relações, e são tidos como perigosos e causadores de temores entre os moradores locais. Nestas áreas, o privado e o público se mesclam e as calçadas tornam-se espaços de interação social que intensificam as relações estabelecidas naquelas localidades. Diferentemente dos moradores das áreas centrais, estes não fazem uso de mecanismos de segurança e mantêm uma tradição relacional de pessoalidade. O medo também se mostra presente na sociabilidade desses lugares, provocando reações de proximidade e refazendo novas possibilidades de relações sociais.

Os espaços centrais do bairro, por outro lado, comportam as áreas elitizadas, onde ocorre um esfriamento das relações e resulta em um aumento das relações no espaço privado, em detrimento ao espaço público. Estes indivíduos, assim, na análise de Silva (2004) se inserem em um cenário crescente de solidão, isolamento e anonimato.

Desde o final dos anos de 1990, o bairro dos Estados vem passando por um processo de mudança, de um bairro de iguais, no interior de um ambiente considerado elitizado, para um bairro com crescente ampliação de sua área comercial. O bairro dos Estados também tem se verticalizado, pois muitos dos moradores têm trocado as suas casas-mansões por apartamentos, alegando a violência crescente no local, bem como a transformação do bairro em área comercial, de intensa especulação imobiliária local. Os moradores das áreas centrais do bairro demonstram um sentimento de pertença e semelhança com o lugar por considerá-lo um ambiente elitizado, mas, por outro lado, de acordo com a análise de Andréia Silva (2004), de estranhamento com as modificações trazidas pela ampliação do comércio e verticalização do bairro⁸.

Nos bairros da área nobre da cidade há uma trama relacional de práticas cotidianas, orientadas pela presença constante do imaginário social sobre o medo, posto como estranhamento do outro. Nestes bairros, analisados pela pesquisa *MC*, existem um crescente processo de individualização e individualidade, que ocasiona a interiorização das

⁸O processo de mudanças no bairro transforma muitas vezes as mansões em verdadeiras “cabeças de porco”, isto é, em divisões das mansões em inúmeros pequenos quitinetes, que abrigam uma classe média flutuante, composto por alunos das universidades locais, vindos do interior do Estado ou de outras regiões do país, bem como estilos de vida considerados diferentes e que não abonam a moral local. O que torna o ambiente perigoso, aos olhos dos moradores do bairro, e a pertença ao local vista sob a ótica de um passado que não volta mais. As interações entre esses indivíduos de realidades socioeconômicas diferentes são sempre tensas e conflituosas.



emoções e a supervalorização da esfera privada. O processo de racionalismo, advindo com a urbanização, aflora o individualismo e o anonimato, gestando um estranhamento comum em relação ao outro, sentido como estranho e usurpador.

Nas áreas populares da cidade de João Pessoa se desenvolve uma forma de sociabilidade pessoalizada, ainda baseada em relações de compadrio e solidariedade, que oscila na convivência de elementos afetivos e com a crescente individualização na modernidade brasileira. Os moradores desses bairros e ruas, ao serem vistos sob o prisma da exclusão social em relação aos moradores dos bairros nobres, reconhecem a violência que assola o cotidiano do bairro que residem, mas negam esta condição vivida, de modo a empurrá-la para o outro, aquele que habita as áreas mais marginalizadas (KOURY, 2005c, 2008; VILAR, 2001; SOUZA, 2003; CAVALCANTE FILHO, 2005; ALMEIDA, 2005, CAMPOS, 2008 E BARBOSA, 2015).

Existe um processo de construção de identidade para com o espaço habitado e seus demais moradores, que demonstra o quanto um estigma conferido ecoa negativamente em sua formação identitária. Há uma elaboração do discurso conformado através de elementos positivos sobre os bairros - desde as opções de lazer, de comércio, às boas relações de vizinhança etc. - com o intuito de amenizar a visão negativa lançada sobre localidade. Os elementos negativos geralmente são apontados à figura do outro que está em condições de vulnerabilidade social e econômica, que residem nos espaços mais periféricos do bairro.

O discurso do progresso atinge diretamente as classes menos abastada da cidade, fomentando os esforços de disciplinamento dos indivíduos através das transformações urbanas, assim como a ideia de progresso delimita novos parâmetros que indicam o que deve ser valorizado. É nesse aspecto que, de acordo com Vilar (2001), os projetos de reformas do Varadouro ensejam o mascaramento e a recuperação dos pobres. Ao analisar a Comunidade do Porto do Capim, no bairro do Varadouro, Vilar indaga o impacto das reformas urbanas previstas para o local, no cotidiano de seus moradores.

Os moradores da Comunidade do Porto do Capim são vistos através de um processo ambivalente, sendo reconhecidos enquanto trabalhadores, mas, ao mesmo tempo, excluídos enquanto pobres e sujos. A percepção de como a cidade os veem é sentida



através da emoção vergonha-cotidiana pelos moradores, que a incorporam, em uma relação de amor e ódio ao lugar onde residem.

De um lado, lugar de pertença e laços comunitários, e de confiança e pessoalidade, onde moradores são reconhecidos, e se reconhecem, a partir do lugar em que estão inseridos; e do outro, lugar de humilhação cotidiana, imputada aos outros moradores, ou aos de fora do bairro, mas que o frequentam, como aqueles que sujam o nome do lugar. No caso, criando hierarquias sociais, onde o eu e os outros do bairro e no bairro são classificados. Hierarquias que compõem divisões imaginárias, tais como: Varjão/Rangel, nas análises de Koury (2014a) e Barbosa (2015), Roger de Cima e de Baixo (CAMPOS, 2008), os de dentro e os de fora (CAVALCANTE FILHO, 2005; KOURY, 2014), os “de lá” (KOURY, 2010) e outras, de onde se busca preservar o lugar como de pertencimento, e, ao mesmo tempo, como espaço de reprodução dos outros que imputam aos lugares a imagem de desordem e violência.

O bairro do Varadouro, por exemplo, onde se localiza a Comunidade de Porto do Capim, é um dos bairros históricos de João Pessoa, sendo o ponto de referência e o local de nascimento da cidade (VILAR, 2001). Este bairro, durante o processo de transformação e modernização urbana da cidade, entrou em um estado de decadência e sobrevive como ponto de comércio e residência para a população de baixa renda, abarcando, ainda, o terminal dos ônibus coletivos, a estação rodoviária e a estação ferroviária da capital (KOURY, 2010, 2014a).

O bairro, como os outros que compõem a área popular da cidade, sofre pelo estigma e a qualificação de ambiente perigoso, lugar de ladrões e ponto de droga da cidade, elementos que fomentam o imaginário social da cidade. A mídia local possui um papel importante na constituição desse imaginário pejorativo e estigmatizado do bairro, caracterizando-o como uma região problema.

Esta imagem do Varadouro, no entanto, é uma imagem que os seus moradores rejeitam, pois entendem que é montada por sujeitos de fora do bairro, que buscam “deneigrir ainda mais a imagem do bairro como um todo [...], ficando o bairro sobre suspeição, por ser pobre e decadente” (KOURY, 2010, p. 296). Os moradores veem o bairro como um lugar tranquilo e bom para viver, e a violência é colocada como ocasionada pelos



outros, os de fora do bairro, que denigram a imagem local.

O trabalho e o emprego aparecem como elementos norteadores da segurança interior dos indivíduos, de modo a salvaguardar e diferenciar o sujeito, pobre, morador do bairro e trabalhador. O trabalho se coloca como gerador de conforto pessoal e coletivo, que traz a perspectiva de engajamento para uma melhora na qualidade de vida (KOURY, 2014a). O trabalho, ainda, aparece como elemento disciplinador do homem comum pobre (KOURY, 1986), e conforma uma discussão moral onde o pobre e o trabalhador se diferenciam pela sua disposição ao trabalho, o que dá sentido a afirmações como “sou pobre mais trabalhador”.

No bairro da Ilha do Bispo, por exemplo, há uma hierarquização entre os moradores, que diferenciam os “de lá”, aqueles mais pobres, bandidos, perigosos, drogados, sujos e que não se dão respeito (KOURY, 2010). Estes, por sua vez, residem no Cangote do Urubu, no Conjunto Frei Marcelino e no Condomínio Índio Piragibe, áreas estigmatizadas dentro do próprio bairro, e da cidade. Há uma espécie de superioridade dos moradores do bairro, os trabalhadores, pobres e honestos, em relação aos “de lá”, aqueles mais pobres que habitam as áreas supracitadas. Esta noção afirma o imaginário social de associação entre pobreza, violência e perigo. É elaborado, pelos habitantes, um discurso para proteger o bairro e seus moradores dos estigmas e estereótipos a ele imputados. A hierarquização contribui para a construção desse discurso, onde o outro é apontado como o problema e o culpado pela imagem suja e violenta do bairro.

Os moradores do bairro, no entanto, pouco se diferenciam, na situação econômica e condição precária de vida, daqueles que moram nas áreas estigmatizadas. A diferenciação se dá, sobretudo, pela ordem de antiguidade, com moradores que residem no bairro há muito tempo, possuindo uma tradição no lugar (KOURY, 2005c).

O bairro da Ilha do Bispo é um dos mais antigos da cidade. Este bairro nasceu de um povoamento próximo ao Cruzeiro da Graça, que, mais tarde, recebeu o nome de Cruz das Almas. A partir desse povoamento se originaram os bairros de Cruz das Armas e da Ilha do Bispo. A Ilha é um bairro situado entre o rio Sanhauá e um de seus afluentes, com o mangue como vegetação característica local. O bairro já passou por diversas modificações até sua configuração atual, ocasionadas pelas transformações urbanas e



que resultaram na perda da paisagem natural do lugar, com aterros desordenados do mangue para a construção de casas e vias expressas (*idem*, 2005c).

As transformações urbanas no bairro modificaram a sua feição estrutural natural e fomentaram vários processos conflituais de perdas e reconstruções dos mapas simbólicos, bem como de lutas, tensões e medos de novas investidas sobre o bairro, de modo a modificar ou expulsar os moradores do seu lugar. Neste bairro sobrevivem formas de sociabilidade baseadas na pessoalidade e vizinhança, com as ruas, as calçadas, os bares, a praça e as igrejas como lugares de grande interação cotidiana pautada em laços de solidariedade e amizade. Estes lugares são “pontos de referência comum, que ampliam e sedimentam os laços de vizinhança, onde todos se conhecem e se sentem entre iguais” (*ibidem*, 2005c, p. 5).

O bairro de Cruz das Armas, analisado por Alessa Souza (2003), por sua vez, apesar de deter um forte comércio local que atrai os moradores, frequentadores e trabalhadores, sejam eles do bairro ou de fora, possui uma imagem carregada de estereótipos e estigmas diante da cidade devido à crescente onda de violência que assola a localidade e contribui para o imaginário social do medo. Os moradores do bairro criam novas formas de sociabilidade, relação e interação social entre si e com os demais bairros, buscando driblar e amenizar os estigmas sobre a localidade.

Com o progresso e a modernidade, um novo espaço social se constitui, recriando formas de sociabilidade entre os habitantes de Cruz das Armas. Formas novas de sociabilidade que os permite conviver com a modernidade, o individualismo, a violência e o medo que aos poucos vem assolando o cotidiano do bairro, de modo a não romper totalmente com as relações tradicionais que fundam a sociabilidade local.

O bairro possui indícios de uma tradição relacional baseada na semelhança, no pertencimento, nos mecanismos de solidariedade, de amizade, de compadrio, de vizinhança, de reciprocidade e outros. No bairro há lugares heterogêneos onde existem formas de relações permeadas pela individualização, a violência e o medo do outro enquanto elemento de repulsa (SOUZA, 2003). Cruz das Armas possui uma realidade heterogênea, sendo compostas por áreas: a mais elitizada, a área de intermédio e a área periféricas, que demonstram diversas formas de sociabilidades.



Na área elitizada do bairro de Cruz das Armas predomina as características do mundo moderno, com o anonimato, a impessoalidade e o individualismo. É um local composto por casas grandes com amplos mecanismos de segurança, cercadas por muros, câmeras de segurança e cercas elétricas. Já na área intermediária existem casas mais estruturadas, como também casas simples, com relações sociais que se estabelecem de forma estreita entre os indivíduos. Ocorre uma relação com os moradores das áreas periféricas através do trabalho e até da amizade, com as ruas como um espaço de interação. Enquanto que na área periférica encontram-se as casas mais simples e a falta de infraestrutura nas ruas. Nestas ruas existe uma intensa circulação e interação dos sujeitos. Esta é a área mais carente do bairro, onde residem os indivíduos de baixa renda, sendo apontada como o lugar que traz o estigma para a localidade, pois o outro, que desencadeia a violência e a desordem, surge daquele ambiente, marginalizado.

Os moradores da área popular enfrentam essa nova realidade da modernidade através do estreitamento das relações sociais, da busca do reconhecimento e do compartilhamento dos códigos de pertença e semelhança para com o bairro e seus habitantes. Estes moradores do bairro temem os marginais, mesmo não reconhecendo esse temor e julgando estarem seguros no bairro. Preferem manter com os considerados “marginais” uma estreita relação, para que todos possam conviver em paz, cada qual em seu lugar.

O advento do progresso na cidade, decorrente da modernidade, sucedeu várias reconfigurações ao bairro até sua conformação atual, de modo a constituir novos espaços sociais e recriar novas formas de sociabilidades entre os habitantes do bairro de Cruz das Armas. Estes sujeitos elaboram técnicas para conviver com a modernidade, tentando não romper totalmente com as formas de relações tradicionais que fundam a sociabilidade local baseada no sentimento de pertença e personalidade.

O bairro de Tambiá, analisado por Rivamar Silva (2003), apesar de ser considerado um lugar tranquilo, com pequenos índices de violência, é temido por ser rodeado por favelas e ter uma grande concentração de comércio, que, segundo os moradores, atrai os bandidos para a localidade. O comércio gera certa ambiguidade no bairro, pois é considerado bom para o seu desenvolvimento econômico, atraindo mais atenção para o bairro e dando ao mesmo maior visibilidade na cidade, mas, atrai insegurança, devido



à valorização imobiliária e à atração dos delinquentes (SILVA, 2003).

Neste bairro existem os “delinquentes domésticos”, estes, em sua maioria jovens e adolescentes que residem no bairro e praticam atividades ilícitas, são conhecidos pelos moradores, que evitam relacionamento com eles, mas, também, mantém uma relação de cordialidade como forma de se prevenir de seus atos ilícitos (SILVA, 2003). A violência urbana se mostra como um dos elementos que configura o sentimento de insegurança e de impessoalidade, que fomenta mecanismos de segurança e estabelece o imaginário social sobre o medo nos moradores do bairro.

O Tambiá é composto por relações de semelhança e pessoalidade, onde parece emergir, de forma mais lenta, elementos de impessoalidade e anonimato a partir da chegada dos condomínios. Essa característica se dá, em grande parte, por ser um bairro constituído por migrantes que vieram do interior do estado da Paraíba, conformando a sociabilidade pessoalizada entre os moradores, comungando valores tradicionais e afetivos (SILVA, 2003). Com o crescimento dos residenciais no bairro houve um aumento da impessoalidade entre os moradores, devido à especulação imobiliária no espaço que fomenta a racionalização das relações. Estas novas formas de moradia se tornam uma espécie de prisão que salva da violência, passando uma imagem de segurança, o que atrai cada vez mais habitantes citadinos.

Diferentemente dessa perspectiva de impessoalidade e individualismo nos condomínios do bairro do Tambiá, a rua analisada por Francisco de Assis Cavalcante Filho (2005), - no bairro de Mangabeira, - é rodeada de relações de amizade, de vizinhança e sentimentos de pertença. Neste ambiente existem espaços de sociabilidade amplamente aproveitados pelos seus moradores, sem desconsiderar, portanto, os investimentos em segurança que modificaram o espaço físico do prédio e sua relação com o espaço público da rua, onde o não morador é uma fonte constante de insegurança (CAVALCANTE FILHO, 2005).

Na rua analisada, as relações sociais encontram-se marcadas pela ambivalência de formas de vida individualizadas e formas coletivas de convívio com relações de vizinhança e de amizade, onde os moradores caracterizam positivamente as relações entre si. O espaço social da rua toma uma função ambivalente que permite e induz à



convivência com os próximos que a compartilham diariamente, e a descoberta do outro que não participa daquele cotidiano relacional, mas que se torna presente e provoca estranhamento, receios e medo, pautando a ação através da tensão e do conflito entre racionalidade e emoção (CAVALCANTE FILHO, 2005).

O sentimento de medo aumenta entre os moradores da rua nos dias festivos, pois é quando o outro desconhecido adentra o seu lugar/espço social para causar uma desordem temporária, restaurada na tranquilidade dos dias sem festas. Os medos relacionados com a marginalização e violência não se mostram frequentes nas falas dos moradores, exceto quando associados aos dias festivos com maior circulação de pessoas provenientes de outras localidades.

As ruas da cidade de João Pessoa, segundo Cavalcante Filho (2005) e Alexandre Almeida (2005), possuem duas conotações de uso: 1) um espaço social de convivência, sendo apreendida como um ambiente de ampla interação entre os indivíduos através das calçadas ou praças que propiciam o contato e a comunicação; e 2) um espaço meramente de passagem, sendo utilizada para transitar a pé ou de automóvel com a intenção de chegar a determinado lugar.

A rua trabalhada por Almeida (2005), no bairro Valentina de Figueiredo, é utilizada pelos seus moradores e frequentadores como um espaço social de convivência criando formas de sociabilidade local baseadas nos aspectos de semelhança e afinidade. A rua é um espaço de intensa interação permeada de pessoalidade e tradição relacional, que ocasiona um controle social face a face, o que motiva a solidariedade, mas também o estranhamento e o desconforto em relação ao mecanismo de controle (ALMEIDA, 2005). Os moradores da rua encontram-se inseridos em um ambiente de pessoalidade e afetividade, contudo a impessoalidade e a indiferença também se fazem presentes, sendo apresentada, no caso dos inquilinos, que frequentemente alugam uma moradia na rua, fomentando uma troca de estigmas entre os moradores permanentes e os novos. Estes últimos são apontados como o outro que, geralmente, vem desordenar as normas de convívio.

Os moradores desta rua mantêm laços de semelhança e pessoalidade entre os moradores permanentes, onde o ambiente de pessoalidade indica o elemento da fofoca



como uma ambiguidade, que tanto conduz à sociabilidade, como também denota o desconforto. O bairro de Valentina de Figueiredo, em seu contexto mais amplo, também é alvo de estereótipos e estigmas no imaginário social do medo nos habitantes da cidade como um todo. Isso ocorre porque o bairro abrange espaços considerados perigosos nas estatísticas policiais e nos programas midiáticos, como as comunidades Torre de Babel e outras. Os moradores do bairro se preocupam em elaborar um discurso positivo sobre Valentina, e identificam essas comunidades como a causa para a imagem negativa do bairro, sendo espaços periféricos que abriga o outro, fonte de perigo e violência.

De acordo com as análises da produção *MC*, a cidade de João Pessoa elabora cotidianamente - através da mídia impressa e digital e dos relatórios de polícia - acusações, estereótipos e estigmas sobre seus bairros e ruas, organizando-os em uma escala de mais ou menos violentos, o que contribui para o imaginário social sobre o medo. Nesse processo se intensifica o conflito e a tensão nas relações intrabairros, entre os bairros e com a cidade. A mídia tem contribuído preponderantemente na formação social do imaginário sobre o medo entre os moradores da cidade de João Pessoa (SILVA, 2003). A figura do outro se coloca como fonte manifesta de perigo constante, de insegurança e de medo. Esse outro construído e caracterizado pela imprensa através da figura do homem comum pobre, como a causa da desordem urbana⁹.

A cidade de João Pessoa está permeada de relações de conflito e estratégias de vidas diversas que intercalam formas de sociabilidades pessoalizadas, impessoalizadas, de semelhança e de dessemelhança. Os bairros populares da cidade, porém, geralmente sofrem de desigualdade social e de forte estigmatização em relação a outros bairros e à

⁹Os programas televisivos locais que veiculam notícias sobre a violência urbana na cidade de João Pessoa possuem grande audiência e repercutem na vida cotidiana dos habitantes da cidade (VELOSO 2010). Estes programas contribuem para o processo de construção de noções morais e da emoção medo nas relações corriqueiras dos sujeitos, ampliando os sentimentos de medo e insegurança. O bairro de São José, por exemplo, está frequentemente presente nos noticiários locais, sendo alvo de notícias negativas e de comentários pejorativos sobre seus moradores. O bairro é apresentado, no trabalho de Wanessa Veloso, bem como em Anne Gabriele Sousa (2004), como uma ameaça para os moradores de áreas circunvizinhas (como o bairro de Manaíra e Tambaú) por ser uma comunidade identificada como fonte constante de criminalidade, violência e perigo, tendo paralelos com o bairro de Mandacaru. Este último também é um bairro periférico abordado como uma das fontes de perigo da cidade. Os moradores do bairro de São José interpretam as notícias veiculadas sobre a localidade baseadas em noções de moralidade, que são diretamente relacionadas ao medo, acabando por interferir nos valores atribuídos ao outro relacional. Vale salientar que o trabalho de Veloso (2010) não integra o conjunto da produção acadêmica do projeto Medos Corriqueiros, no entanto, traça um constante diálogo com a produção deste projeto e por isso também é abordada neste artigo.



cidade como um todo.

Os bairros do Roger, analisado por Ricardo Campos (2008) e do Varjão/Rangel, analisado por Raoni Barbosa (2015), também sofrem estigmatizações perante a cidade. Estes bairros possuem relações com um profundo grau de tensão e conflito, sendo que no Varjão/Rangel as interações e consequências são mais intensas que no Roger. Ambos os bairros compõem as áreas populares da cidade e sofre com estereótipos negativos que atingem diretamente a identidade dos moradores dessas localidades.

O bairro do Roger intercala relações conflituosas de disparidade social aguçada, vivências diferentes e estigmatizadas, imputadas pela cidade. O bairro é dividido no imaginário dos moradores em “Roger de Cima” e “Roger de Baixo”, que acentua aspectos infraestruturais, de formação história e de valores identitários, gerados por estas fronteiras simbólicas (CAMPOS, 2008). A contradição entre Cima e Baixo tem início, primeiramente, pelo aspecto geográfico do ambiente. Além disso, e, como elemento mais simbólico, Cima e Baixo são contestados pelo elemento da urbanização do bairro. O Roger de Cima é marcado por casas de classe média, cercadas de mecanismos de segurança, por ruas organizadas e limpas, que revela um bom padrão de vida, onde existe uma inclinação ao individualismo e anonimato, com relações permeadas por impessoalidade, retraimento e dessemelhança. Os moradores da parte de cima do bairro estigmatizam os que residem na parte de baixo, e se dizem possuidores de um forte vínculo de tradição e pertença com bairro, diferentemente dos moradores da parte baixa. O Roger de Baixo possui casas simples e uma maior sociabilidade baseada na pessoalidade e nos laços de solidariedade e afetividade, bem como o desenvolvimento do sentimento de pertença para com o lugar. A parte baixa do bairro abrange espaços periféricos e de grandes estereótipos negativos, como a comunidade do S, o lixão e as proximidades do presídio.

Os moradores subdividiram o bairro em grupos sócio-espaciais, enxergando uns aos outros como diferentes e pertencentes a outro estrato social ou espaço físico. Esta estratégia funciona como meio de se salvaguardar em relação aos aspectos e imaginários negativos do bairro, além de fortalecer a estigmatização de certos espaços e grupos sociais como causadores da desordem e fonte constante de perigo.



O bairro do Varjão/Rangel também vive este processo de disseminação de um imaginário negativo imputado pela cidade em relação ao bairro, que causa um forte estigma aos seus moradores. Este bairro é capturado pela mídia e pelos relatórios policiais como perigoso, violento e sujo, aspectos que seus moradores tentam esquivar e amenizar mediante os discursos sobre a positividade da localidade e de seus residentes (BARBOSA, 2015 e 2015a). O Varjão/Rangel é um bairro que surgiu e cresceu através do processo de ocupações realizadas através de redes de parentesco, amizade e/ou vizinhança, que intensificam os laços de gratidão e confiança na solidariedade local. Este processo tanto refunda laços rompidos como cria novos laços, com o acolhimento de sujeitos não tão próximos (KOURY, 2016a). O bairro se desenvolve com base em uma intensa pessoalidade e formas de sociabilidades baseadas na afetividade e semelhança (KOURY, 2014b).

Existe uma tensão contínua no imaginário, na identidade e no comportamento dos moradores do bairro, que é, ao mesmo tempo, Varjão e Rangel. O Varjão é a denominação oficial, mas expressa aspectos negativos e classificados como perigoso, sujo e de baixa moral, compreendido pelo morador como espaço dos engraçadinhos e da violência. Enquanto que o Rangel é a denominação oficiosa, que demarca uma pertença identitária, e integra a luta dos moradores pela sua ressignificação como espaço societal que se agrega à lógica progressiva da cidade (BARBOSA, 2015). O jogo de nomes e sentidos do bairro, - Varjão e Rangel, - funciona como “elementos de acusação ou justificação para narrar o próprio bairro e os enfrentamentos cotidianos com os estigmas que o marcam [na sociabilidade Varjão], bem como o seu contrário, o bom viver no bairro [na sociabilidade Rangel]” (KOURY, 2014b, p. 527).

O uso dos dois nomes expressa as acusações e as justificativas dos moradores no que diz respeito ao bairro e à sua relação de amor e ódio com o lugar. Os moradores deste bairro guardam um ressentimento em relação à cidade e à sua não distinção entre Varjão e Rangel, causando uma profunda humilhação à autoestima, dignidade e honra daquele habitante. A internalização do estigma pelos moradores fornece um espaço interacional pautado no medo de ser confundido ou associado com a sociabilidade Varjão¹⁰.

¹⁰Nesse processo de reconhecimento do nome Rangel, e os sentidos e significados que este carrega



O Varjão/Rangel é um bairro heterogêneo com diferentes padrões de vida e moradia, mesmo assim os moradores do bairro como um todo revelam uma mesma cultura emotiva pautada na intensa pessoalidade das relações, na vergonha, no estigma, nas estratégias de evitação e de salvaguardar a face (BARBOSA, 2015). A confiança e a confiabilidade se apresentam enquanto elementos significativos para a percepção dos medos e da vergonha nesta localidade. A sociabilidade tensional do bairro é fruto, na maioria das vezes, da intensa pessoalidade ali existente, que se articula com a forte estigmatização.

O outro, na figura do Varjão, está sempre mais à frente e é constantemente revisitado para explicar a violência, o perigo, a sujeira e os estereótipos que são lançados sobre o bairro. Utiliza-se de estratégias para salvaguardar a identidade individual e grupal nas interações com a cidade, bem como de precaver o sentimento de pertença para com o bairro. O medo corriqueiro e a vergonha cotidiana se apresentam como emoções basilares que estruturam a sociabilidade local.

A partir da construção deste mosaico científico da cidade sob a ótica dos medos corriqueiros, em uma primeira síntese, podemos compreender que os moradores dos bairros populares procuram preservar sua identidade e suas relações sociais dentro desta nova lógica modernizante, onde surgem novas formas de solidariedade pautadas no imaginário social sobre o medo, mas tentando conservar certa tradição relacional. Os moradores dos bairros nobres, por outro lado, parecem internalizar essa lógica modernizante de individualismo e anonimato, se tornando um indivíduo melancólico. O medo em ambos os casos, aparece como norteador das relações interindividuais, tanto no que equivale à dessemelhança quanto à semelhança entre o homem comum no urbano de João Pessoa, sendo o elemento organizador das formações societárias.

5. Análise dos parques e circuitos de lazer

Além dos bairros e ruas, a cidade de João Pessoa também é analisada na produção *MC* através dos seus parques, como o Parque Sólon de Lucena, mais conhecido para a imagem do bairro, acontece uma tragédia, conhecida como “chacina do Rangel” que coloca em cheque, novamente, a imagem do bairro e dos seus moradores. Este caso, que teve grande visibilidade na mídia local e nacional, traz à tona o extremo das tensões e dos conflitos ocasionados pela intensa pessoalidade local (KOURY et al, 2010 e 2013). O ocorrido gerou ranhuras nos códigos morais do bairro e da cidade, que fazem uso de estratégias de justificativas da ação moral.



no imaginário social da cidade como “Lagoa” (SILVA, 2006; KOURY, 2005 e 2005a); e o Parque Arruda Câmara, mais conhecido como “Bica” (CAMPOS, 2008). Estes parques são locais conhecidos e visitados da cidade por moradores de todos os bairros. A Bica é um parque fechado onde funciona um pequeno zoológico da cidade, muito frequentado pelos moradores da região e da cidade como um todo, localizado nas proximidades do bairro do Roger, bem junto do Roger de Baixo, cujos moradores utilizam como lazer, como passagem, como pequeno comércio ambulante.

No caso da Lagoa, ela possui um importante significado e carga simbólica para a cidade e seus moradores, tendo se tornado um dos patrimônios e cartão postal da cidade. O Parque Sólon de Lucena é compreendido como um lugar que representa e apresenta a capital paraibana (SILVA, 2006). Há uma relação estreita dos frequentadores com o parque, de modo a evocar a memória e o sentimento de pertença para falar sobre o lugar e sobre o viver a cidade.

Historicamente, o Parque Solon de Lucena foi construído na antiga Lagoa dos Irerês, antiga periferia do centro urbano da capital. Em 1924, o governo municipal instituiu o local como uma possível área de lazer da cidade, apontando para onde iria se dirigir um dos primeiros processos de expansão da capital para a zona Sul. Sob um projeto de Burle Marx, foi instituído o Parque Sólon de Lucena, através do Decreto de Lei nº 110, de 1924. A sua forma urbanística só foi executada nos anos de 1930, com o calçamento dos seus anéis internos e externos (KOURY, 2005). A urbanização da Lagoa foi realizada dentro de um ideal de disciplinamento, embelezamento e saneamento básico, de modo a compor o discurso modernizador que vem sendo implementado nas cidades brasileiras contemporâneas¹¹.

O parque se localiza no centro da cidade, apreendendo, diariamente, um grande tráfego de veículos e fluxo de habitantes, que se deslocam para o centro ou para outros bairros da cidade. É parada obrigatória para os pedestres, trabalhadores, flanelinhas, desempregados, a maioria das linhas de transporte coletivo e dos carros. A área possui um grande e variado comércio formal e informal, serviços públicos e lojas de departamentos,

¹¹Em 2015, com entrega em 2016, foi realizada uma nova intervenção urbanística na “Lagoa”, o que ocasionou uma grande tensão e críticas ao projeto de “revitalização” deste Parque. O que intensificou os sentimentos de amor e ódio do morador da cidade ao local.



bem como é um espaço de pequenos delitos (KOURY, 2005).

O parque é um lugar que possui diversas formas de ocupação e presença, sendo palco de manifestações culturais, sociais e políticas. Ainda é um espaço de memória afetiva, de pertença de amor e desamor, considerado um dos ambientes públicos mais significativos da cidade. O desamor apontado pelos frequentadores se refere

as intervenções municipais que modificaram o projeto original do Parque e a luta pela manutenção do seu desenho e estrutura ambiental, mesmo após o tombamento pelo Patrimônio Histórico na década de oitenta do século passado. Refere-se também ao crescimento acelerado da cidade desde as últimas três décadas finais do século XX, com o aumento da intensidade do trânsito no local, bem como a tentativa de desfiguração do local com o alinhamento dos espaços de estacionamento de veículos e avanço nos canteiros do Parque modificando o seu aspecto, ou por ter o Parque se tornado um ponto de prostituição e ação de pequenos roubos. Refere-se também ao estranhamento que sentem quando veem o Parque sendo utilizado por pessoas ou grupos que parecem não se reconhecer. Pelo anonimato da multidão que vaga pela área da Lagoa (idem, 2005, p. 1).

O desamor se associa, ainda, à decadência do centro e dos equipamentos do parque, do descaso e da insegurança local. Por outro lado, o amor para com o lugar conota um sentimento de pertencer à cidade, e de ter em si o lugar, de modo a elaborar a identidade da cidade e dos seus habitantes. O sentimento de pertencer ultrapassa o desamor e o desagrado, onde as críticas se colocam como uma espécie de alerta e de bem querer para com o parque (KOURY, 2005, 2005a).

6. Considerações finais

Este artigo busca compreender a cidade de João Pessoa-PB através da conformação do mosaico científico construído pelo projeto Medos Corriqueiros, que apreende a cidade sob a perspectiva dos medos e dos medos corriqueiros. Traça uma análise das configurações urbanas, sociais e emocionais da cidade na composição do mosaico, que comporta uma leitura contextual analítica da cidade, de modo a ampliar o conhecimento sobre o universo de pesquisa analisado pelo conjunto da produção *MC*. Ampliação esta possibilitada pelo fato da produção medos corriqueiros dialogar em sua totalidade, o que expande a análise da e sobre a cidade, proporcionando uma leitura do todo.

A cidade é apreendida, a partir do projeto *MC*, em seu aspecto interacional, sendo estudada através do seu sistema simbólico, como um lugar que compreende espaços so-



ciais de interações individuais e grupais que tecem formas de sociabilidades, pertença, memórias e história. A cidade é vista como “uma complexa rede de conflitos e solidariedade onde se processam as trocas materiais e simbólicas de indivíduos relacionais em jogo comunicacional” (BARBOSA, 2015b). Este projeto comporta uma visão contextual da cidade de João Pessoa, identificando as formas de sociabilidade que nela se desenvolve sob a ótica dos medos corriqueiros.

Deste modo, os bairros, as ruas e os parques da cidade não possuem uma vivência homogênea, o que confere um papel importante ao conflito social na organização da sociabilidade e na criação societária. Os bairros nobres possuem trechos e espaços fronteiros com áreas populares, em que estabelecem uma relação cotidiana, assim como os bairros populares possuem áreas mais elitizadas, áreas intermediárias e periféricas. Deste modo, o imaginário social do medo atinge a todas essas realidades sociais e estabelecem interações cotidianas diretas ou indiretas envolta de tensão, conflito, mas também de comunhão e concórdia.

A cidade de João Pessoa, no seu processo de transformação e modernização urbana, possibilitou o contato entre uma diversidade de indivíduos de origens distintas e vindos de outras partes da Paraíba ou de outros Estados da federação. Este contato originou novas formas de sociabilidade e sentimentos de apreensão e medo (KOURY, 2005b). A aproximação entre essas diversas vivências e realidades tem provocado o medo e o estranhamento no imaginário social do homem comum urbano da cidade.

O medo do outro se revela em todas as formas de sociabilidade no urbano contemporâneo, responsável por configurar e reconfigurar as formações societárias. Este outro é geralmente apontado sob a figura do homem comum pobre, que apresenta uma condição socioeconômica inferior ao ator da fala. O medo parece pouco se diferenciar entre os moradores da cidade de João Pessoa. O que diferencia, pois, é a base social, a história e a condição de existência do sujeito, que configura a forma como cada indivíduo e grupo apreendem o medo e organizam suas relações cotidianas a partir dele.

O medo da violência urbana se coloca, geralmente, como o mais citado entre os moradores da cidade, que retornam à memória afetiva e relembram saudosamente o passado tranquilo, amigável e de cordialidade que existia na vivência pautada nos laços



tradicionais de semelhança e pessoalidade. Laços estes que foram aos poucos modificados com o processo de modernização e transformação urbana da cidade. O saudosismo é apresentado em relação ao rompimento de alguns laços fraternos e relações sociais que hoje se mostram para eles sob o medo constante do outro.

A violência vai tornando-se cada vez mais visível na cidade com o advento da modernidade, se apresentando como elemento significativo na/para a construção do imaginário social sobre o medo da cidade de João Pessoa. Neste mosaico científico sobre a cidade de João Pessoa, a imprensa coloca-se como um instrumento que banaliza, mas também reforça, através das reportagens, essa violência urbana, além de montar a figura do outro como fonte manifesta de perigo constante.

Essa configuração da cidade provoca no morador o acesso à memória, se apoiando em uma visão nostálgica e saudosista do bairro onde mora, (re)lembrado como um lugar de iguais, com laços afetivos baseados nas relações tradicionais de vizinhança, amizade, consanguinidade e semelhança. Elementos do passado e do presente se apresentam como comparação permanente na construção, nos desejos e nos anseios do futuro. O passado é posto como uma vivência idealizada de um momento bom que se perdeu em relação ao presente. Presente este, apreendido através do medo, tanto no hoje como na projeção do futuro (KOURY, 2007a e 2008).

O homem comum urbano da cidade de João Pessoa conceitua a noção de medos, enquanto medos corriqueiros. Esta conceituação se faz a partir das suas vivências no ambiente social em que está situado, por onde enxerga a realidade social da cidade, a partir dos seus bairros, ruas e parques (KOURY, 2007, 2007a e 2008).

Em um balanço compreensivo do projeto *MC*, Koury (2008) realizou uma análise comparativa com o objetivo de desvendar *De que João Pessoa tem medo?*. Neste trabalho se discute os medos, imaginários ou reais, expressos pelo homem comum urbano habitante da cidade. Segundo a análise proposta por Koury, (2008, p. 148) “o medo em João Pessoa [...] parece construir uma cultura de fechamento ao outro, de olhar o estranho com suspeita, de evitar contatos que não os impessoais”. Ainda de acordo com o autor,

o sentimento da cidade, porém, como um todo, é o de fragmentação das



relações sociais. Principalmente entre os moradores mais antigos de classe média e média alta que viram os seus bairros ser remodelados e sofrerem intervenções que, se melhoram a infraestrutura e a circulação, por outro lado, dificultam as relações entre vizinhos e as relações de proximidade e de conhecimento que tinham a alguns anos atrás e que relatam em suas memórias. Mas, os moradores dos bairros populares, antigos da cidade, como por exemplo, Varadouro e Tambiá, também, se ressentem do abandono (caso de Varadouro) ou das remodelações recentes (Tambiá) que provocaram e ainda continuam a provocar rupturas nas redes de relacionamento e de vizinhança (KOURY, 2008, p. 143).

A cidade de João Pessoa vem sofrendo um lento processo de urbanização. Processo este que foi tecendo reconfigurações socioespaciais, culturais e emocionais, que constituem as novas formas de sociabilidade local, principalmente a partir da década de 1970. Processo este, pautado em um crescente individualismo e anonimato, em ambivalência com os processos de pessoalidade e semelhança. O medo na cidade de João Pessoa, no mosaico proposto, norteia a vida cotidiana dos habitantes citadinos, estabelecendo e reestabelecendo às relações sociais interindividuais, tecendo novas sociabilidades, adaptando e rompendo outras.

A produção do projeto *MC*, portanto, é um acervo de conhecimento científico sobre a cidade de João Pessoa. A análise desta produção possibilitou a apreensão da cidade de João Pessoa e do seu cotidiano, de modo a construir o mosaico científico sobre a cidade a partir da ótica dos medos corriqueiros.

Referências

ALMEIDA, Alexandre Paz. Sociabilidade, Pertença e Medos Corriqueiros: Estudo de uma rua no bairro de Valentina de Figueiredo João Pessoa - Paraíba. Monografia de Conclusão de Curso de Ciências Sociais/UFPB, João Pessoa, 2005, 111f.

BARBOSA, Raoni Borges. Reflexões sobre medos e vergonha em um bairro periférico de João Pessoa, PB: Uma abordagem através da Antropologia das Emoções. In: Maria Cristina Rocha Barreto; Guilherme Paiva de Carvalho. (Org.). Memórias do Espaço: Identidades e subjetividades. 1ed. Mossoró, Natal: Editora da UERN, v. 1, p. 1-368, 2014.

_____, Raoni Borges. Medos Corriqueiros e Vergonha Cotidiana: Uma análise compreensiva do Bairro do Varjão/Rangel, João Pessoa, PB. Dissertação de Mestrado - UFPB/CCHLA/PPGA, João Pessoa, 2015, 220f.

_____, Raoni Borges. Medos Corriqueiros e Vergonha Cotidiana: Um Estudo em Antropologia das Emoções. 1. ed. João Pessoa; Recife: Edições do GREM; Edições Bagaço, v. 1. 2015a, 368p.



_____, Raoni Borges. Koury: Uma história das emoções. In: V REA XIV ABANNE, 2015, Maceió-AL, Anais do REA ABANNE, 2015b.

BARRETO, Maria Cristina Rocha. *Imagens da Cidade: A ideia de progresso nas fotografias da cidade da Parahyba (1870-1930)*. Dissertação de Mestrado - UFPB/CCHLA/MCS. João Pessoa, 1996, 166f.

BECKER, Howard. *A História de Vida e o Mosaico Científico*. In: _____. *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Editora HUCITEC, p. 101-115, 1993.

CAMPOS, Ricardo Bruno Cunha. *Sociabilidade, Medo e Estigma no contexto urbano contemporâneo: o bairro do Roger na cidade de João Pessoa - PB*. Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais/UFPB, João Pessoa, 2008, 167f.

CAVALCANTE FILHO, Francisco de Assis Vale. *Convívio e interação social: os códigos de afeição e de estranhamento, os medos corriqueiros e a sociabilidade em uma rua*. Trabalho de Conclusão de Curso de Ciências Sociais/UFPB, João Pessoa, 2005, 163f.

HANNERZ, Ulf. *Etnógrafos de Chicago*. In: _____. *Explorando a Cidade: Em busca de uma antropologia urbana*. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 28-68, 2015.

HONORATO, Rossana Cristina. *Se Essa Cidade Fosse Minha... A Experiência Urbana na Perspectiva dos Produtores Culturais de João Pessoa*. Dissertação de Mestrado, UFPB/CCHLA, 1999, 189 f.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Trabalho e disciplina: os homens pobres nas cidades do Nordeste: 1889-1920*. In: Hardman, F.F. et al. *Relações de trabalho e relações de poder: mudanças e permanências*, v. 1. Fortaleza: Ed.UFC, p. 134-149, 1986.

_____, Mauro Guilherme Pinheiro. *Medos Corriqueiros: A construção social da semelhança e da dessemelhança entre os habitantes urbanos das cidades brasileiras na contemporaneidade*. Projeto de Pesquisa, GREM: João Pessoa, 2002, 16p.

_____, Mauro Guilherme Pinheiro. *Sociologia da Emoção. O Brasil urbano sob a ótica do luto*. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____, Mauro Guilherme Pinheiro. *Um passeio através do Parque Solon de Lucena: uma narrativa sobre a emoção de pertencer e uso do espaço público*. Os Urbanitas (São Paulo), NAU/USP, São Paulo/SP, v. 2, n.1, p. 1-20, 2005.

_____, Mauro Guilherme Pinheiro. *Pertença e uso do espaço público: Um passeio através do Parque Solon de Lucena*. Studium (Instituto Salesiano de Filosofia), Campinas, São Paulo, v. 19, p. I-V, 2005a.

_____, Mauro Guilherme Pinheiro. *Viver a cidade: um estudo sobre pertença e medos*. Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, João Pessoa, v. 4, n.11, p. 148-156, 2005b.

_____, Mauro Guilherme Pinheiro. *Tenso Convívio. Sociabilidade, Medos, Hierarquização e Segregação em um bairro popular*. Universidad de Jaén, Revista de Antropologia Experimental, n. 5, texto 6, p. 1-12, 2005c.

_____, Mauro Guilherme Pinheiro. *Imaginário Social e Sentimentos de Medo na cidade de João Pessoa, PB*. Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, 6 (17), pp. 424-465, 2007.



_____, Mauro Guilherme Pinheiro. A noção de Medo na visão dos moradores da cidade de João Pessoa - PB. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, 6 (17), pp.58-86, 2007a.

_____, Mauro Guilherme Pinheiro. De que João Pessoa tem Medo? Uma abordagem em Antropologia das Emoções. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, Coleção Cadernos do GREM, N°6, 2008, 161p.

_____, Mauro Guilherme Pinheiro. Pertencimento, medos corriqueiros e redes de solidariedade. *Sociologias (UFRGS. Impresso)*, v. 12, p. 286-311, 2010.

_____, Mauro Guilherme Pinheiro. Chacina do Rangel: uma análise sobre os processos de ressentimento, estigmatização, medos e vergonha em um bairro popular da cidade de João Pessoa, Paraíba, Brasil. In: XXIX Congresso ALAS Chile, 2013, Santiago, Chile. *Acta Científica Congresso ALAS Chile 2013*. Santiago Chile: ALAS, v. 1. p. 1-13, 2013.

_____, Mauro Guilherme Pinheiro. Pela consolidação da sociologia e da antropologia das emoções no Brasil. *Sociedade e Estado*, vol. 29, n. 3, p. 841-866, 2014.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Medos, redes de solidariedade e sentimento de pertencimento: os moradores falam do seu bairro. In: Maria Cristina Rocha Barreto; Guilherme Paiva de Carvalho. (Org.). *Memórias do espaço: identidades e subjetividade*. 1ªed. Mossoró, RN: Edições UERN, p. 249-274, 2014a.

_____, Mauro Guilherme Pinheiro. Solidariedade e conflito nos processo de interação cotidiana sob intensa pessoalidade. *Etnográfica. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*, Vol. 18 (3), p. 521-549, 2014b.

_____, Mauro Guilherme Pinheiro. Cultura emotiva e moralidade na análise antropológica sobre a sujeira. *REIA Revista de Estudos e Investigações Antropológicas*, v. 3, p. 172-194, 2016.

_____, Mauro Guilherme Pinheiro; BARBOSA, Raoni Borges. A apreensão do cotidiano: A noção de sujeira em João Pessoa, Paraíba, Brasil. In: III EICS - Encontro Internacional de Ciências Sociais, 2012, Pelotas, RS. II Encontro Internacional de Ciências Sociais - As Ciências Sociais e os Desafios do Sec XXI. Pelotas, RS: Ed. UFPel, p. 1-18, 2012.

SILVA, Rivamar Guedes da. *Tambiá - medo, cultura e sociabilidade: Um estudo sobre o bairro de Tambiá, João Pessoa-PB*. Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais/UFPB, João Pessoa, 2003, 98f.

SILVA, Andréia Vieira da. *Sob a ótica do medo: Um estudo de caso no bairro dos Estados, João Pessoa - PB*. Monografia de Conclusão de Curso de Ciências Sociais/UFPB, João Pessoa, 2004, 67f.

SILVA, Patrick César da. *Memória social e sentimento de pertença: Um estudo sobre o Parque Solon de Lucena, João Pessoa - PB*. Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais/UFPB, João Pessoa, 2003.

SOUSA, Anne Gabriele Lima. *Tambaú: Pertença e fragmentação sob uma ótica do medo*. Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais/UFPB, João Pessoa, 2004, 150f.



SOUZA, Leandro Cunha de. João Pessoa à noite: Um estudo sobre vida noturna e sociabilidade, 1920 a 1980. Trabalho de Conclusão de Curso de Ciências Sociais/UFPB, João Pessoa, 2005, 77f.

SOUZA, Alessa Cristina Pereira de. Uma análise do bairro de Cruz das Armas sob a ótica do medo. Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais/UFPB, João Pessoa, 2003, 103f.

_____, Alessa Cristina Pereira de. Memória, cultura e lazer: o presente, norteado pelo passado, dos moradores de Cruz das Armas. In: VII encontro de ciências sociais, 2004, Recife. VII Encontro de Ciências Sociais, 2004.

VILAR, Márcio da Cunha. Medo na cidade: Uma experiência no Porto do Capim. Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais/UFPB, João Pessoa, 2001, 66f.

VELOSO, Wanessa Souto. Mídia e Moralidade: o caso do Bairro de São José, João Pessoa-PB. Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais/UFPB, João Pessoa, 2010.